

The background of the cover is an abstract composition of geometric shapes. The top half is a light, pale greenish-grey. Below this, there are large, overlapping shapes in shades of blue and red. The shapes are angular and fragmented, creating a sense of depth and movement. The overall style is reminiscent of mid-20th-century abstract art.

Pedro Du Bois

Brevidades

Pedro Du Bois é a Esfinge. Esfinge de carne e osso, mas esfinge. Publicou quase quarenta livros de poemas. Humanamente falando, uma aberração. Vai contra a natureza das coisas. É muito poema em termos de um único autor. Nada em termos esfíngicos. Justifique-se tal prolifidade apoiando-se na escrita automática. Ilusão pura. Apenas incidentalmente se pode ligar o Autor ao Surrealismo. Decadentismo temático? Aparência pura. Os temas minúsculos, invisíveis e indiferentes à grande arte estão presentes nos poemas de Pedro. Penumbrismo? Zero. "Pedro tu és pedra."

Na verdade, a obra poética de Pedro Du Bois mais do que reunir influências, reúne sensações. Daí é que foge a nossa tradição cartesiana de classificar tudo. E pior: seguindo os esquemas assentados nas ciências da Natureza. Leia-se o poema a seguir:

11

Notifico o não acontecido: repetir induz o sono ao sonho. Onírico passatempo. Despejo a água sobre a aridez e da fervura retiro o vapor. Consenso minha história em episódios fantasiosos: o não acontecido cai sobre a terra em chuvas molhando árvores, molhando frutos, molhando meus pés descalços. Calço a porta e o vento despercebido do estratagema entre vãos discursa: induz ao sono a verdade.

Não tentes decifrar a Esfinge. Ai é que ela te devorará. Também, decifrá-la é devorá-la. Isto não é para qualquer um. Pedro Du Bois é poeta e demiurgo. E Basta.

Brevidades



Pedro Du Bois

Brevidades



Abstrato - Acrílico sobre tela



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro; Poesia. -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2011. 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Capa: Silvana Oliveira

Revisado pelo autor em: 23/10/2011

D815b Du Bois, Pedro, 1947-

Brevidades [recurso eletrônico] / Pedro Du Bois. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2011. E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-20-2

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I.

Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Por instantes o encontro se
consuma: sou eu que descrevo e
escrevo sobre a efemeridade em que
me (re)conheço. Seria assim, não fosse
apenas um poema a dizer da brevidade do
pensamento e dos atos cotidianamente
abstraídos em minha vida. As afirmações
soam perigosas, mas não posso fugir aos
itens elencados. Por isso a procura dos
pontos que me sustentam, mesmo
que – como sempre – transitórios
em sua literalidade.

para Tânia

Apresentação

BREVIDADES E A CHAVE DO LABIRINTO (POEMA 42)

Embora aposentado das resenhas, e, por extensão, dos prefácios sobre livros que tivessem me dado essa força, quer pela temática, quer pela linguagem, BREVIDADES, do poeta Pedro Du Bois, traz-me agora de volta para esse pequeno extravasamento de apenas leitor, já que as outras virtudes do ofício carecem do lastro acadêmico para alcançar-lhe as profundezas que aí se cristalizam, numa síntese de quem fala para si, mas que essa fala para si pode, também, ser a fala do outro, numa interlocução que objetiva os “relatos” de cada poema.

Pode-se dizer, assim, que estes conjuntos lapidares são códigos de uma lírica que foge ao mesmo de tantas outras brevidades e questionamentos acerca da música, da lucidez, dos gestos repetidos, dos imprevistos e do próprio silêncio, de onde se alçam os pássaros aflitos do ser e do nada. Recortes visuais da paisagem urbana, objetos cativos, o irreal no lugar do real, cadenciam as estrofes do poeta, enquanto seu “lúcido acordar” apanha o centeio e vela o sono equivalente a quilômetros e milímetros daquela chuva de que trata seu poema 11, “jogos que terminam empatados”, olhares e cenas imaginadas.

(Ousamos, aqui, eleger o de número 42 como referência de leitura para cada uma dessas unidades plumárias de celebração poética, ficando ele como guia alternativo para todo o texto.)



Assim, é de importância observar como o autor deste livro capta as situações e posturas mais diversas em que se vê, dando aos tranquilos ou abismáticos rituais de seu cotidiano admiráveis “estampas” da realidade em cada bloco ou fragmento, como se “cantos” fossem de uma bem elaborada saga individual, entre a “solidão do corpo” e a “sentinela do olvido”.

Vê-se, então, com mais clareza à força de o ler, que o poeta Pedro Du Bois se estrutura, com a palavra alquímica, ao atingir os auge da metáfora espontânea, capaz desta e de outras metamorfoses que se completam no arremesso da seta que leva de parilha tudo quanto escorrega (e não volta), “o final reprisado ao avesso”, rei e vassalo.

Não é, pois, a meu ver, uma poesia que se expõe ao arremedo dos críticos, muito menos à inútil tentativa de analisá-la, como se faz a um texto comum, parecido com tantos outros. É poesia para ser lida e pensada, se possível tomando por exemplo o método do autor: “onde me valem horas de palavras”. No mais, o sabor do que é novo, a alegria de saber que a palavra ainda é capaz de unir, em vez de separar.

Jorge Tufic, Poeta
Fortaleza – outubro 2011



Sumário

Apresentação.....	7
Sumário.....	9
BREVE APANHADO SOBRE A (MINHA) LUCIDEZ.....	13
1.....	15
2.....	16
3.....	17
4.....	18
5.....	19
6.....	20
7.....	21
8.....	22
9.....	23
10.....	24
11.....	25
12.....	26
13.....	27
14.....	28
15.....	29
16.....	30
17.....	31
18.....	32
19.....	33
20.....	34



BREVE ANOTAÇÃO SOBRE A (MINHA) SANIDADE.....	35
21.....	37
22.....	38
23.....	39
24.....	40
25.....	41
26.....	42
27.....	43
28.....	44
29.....	45
30.....	46
BREVE APONTAMENTO SOBRE O (MEU) EQUILÍBRIO.....	47
31.....	49
32.....	50
33.....	51
34.....	52
35.....	53
36.....	54
37.....	55
38.....	56
39.....	57
40.....	58
41.....	59
42.....	60



BREVE RELATO SOBRE A (MINHA) NATUREZA.....	61
43.....	63
44.....	64
45.....	65
46.....	66
47.....	67
48.....	68
49.....	69
50.....	70
51.....	71
52.....	72
 BREVE ILUSTRAÇÃO SOBRE O (MEU) SENTIMENTO.....	 73
53.....	75
54.....	76
55.....	77
56.....	78
57.....	79
58.....	80



BREVE APANHADO
SOBRE A (MINHA) LUCIDEZ

1

Permito-me a lucidez: vejo a árvore e os frutos;
desfaço a cama e guardo as cobertas. Visto na roupa
a imagem trazida no regresso. Da casa retenho
a tinta das paredes; nos vidros da janela vejo
a poeira acumulada. Recorro à figura armazenada
e retiro a essência. A lucidez me repete
fatos intercalados.

Invado o lúdico e me deparo com a reserva
ao conhecimento. Cumprimento a sombra
do que sou e deixo arrolado o tanto procurado.

A lucidez contém luzes enfeitiçadas de verdades.
A lucidez é meu cansaço.



2

Pedem minha resposta evasiva
em verdades, pluralizo os fatos
e me detenho à porta: entradas
pressupõem a vontade do regresso;
mantido do lado de fora observo
o permitido: na lucidez do horário
abro a porta e lanço ao ínfimo
a finitude da resposta. Apostas
trazem o melhor dos mundos
em séries ignoradas: a luta
anunciada em soldados perfilados.



3

Conto moedas. No anular carrego
o ouro. Nos pés, sapatos apertam
o passo e me desloco em ondas.
Relembro a estréia da história
no cântico ordenado aos reis.
Do que acredito omito trechos:
a não importância dos abraços
e as anotações ao pé da página.
A porta permite o traço entre mundos.
Saio e entro, fosse o trajeto
a interrupção da vida. Lúcido,
trago a morte em visionária hora.
Lutas permitem observar
a longitude na igualdade.



5

Olho estrelas (a noite iluminada da cidade)
com pesar e ansiedade: procuro identificar
os deuses oferecidos na infância e a desdita
prevista na adolescência. Sou energia ínfima
debruçada sobre a totalidade. A arrogância
de me fazer partícipe em escura matéria
envolvente. O reflexo me encaminha
ao faz de conta. A cidade ilumina
a distância entre ruas. O universo guiado
ao caos foge aos olhos e permanece
na irreversibilidade do acesso.

Converso com a noite (calo a voz
estática) e sobre mim recaem
raios inimagináveis.



7

Deposito o voto com devoção e cautela,
minha escolha decorre ao tempo: venço
o prazo e a validade se retrai
no bojo do acontecimento.

Voto a vontade da desesperança,
quero a mudança imperceptível
e o ficar na lentidão dos fatos.
Deposito o saber transfigurado
em ordens progressivas.

Escolho o sofrimento recorrente
no descarte coeso da permissão:

permito o depósito
do voto e a náusea
real da inconfidência.



8

Apanho o centeio: pão assado
ao pé do forno. Embarro o trajeto,
desconcerto a estrada, a casa, a paisagem.

Reafirmado em pública forma,
aguardo da criança o sorriso.

O sono, velo.



9

Na parede o cavalo grafitado
atropela as cores e as descasca.

Tento acompanhar seu galope
e ele some ao contato.

Sobra (resta) a parede
descorada sobre o vão
onde o cavalo esteve.

O vão permanece na minha memória
como elemento histórico da veracidade.

(Vejo pintores recompondo a parede
e o cavalo – sei – não retorna).



10

(A princesa espera a carruagem.
Bela princesa ensolarada: mãos em luvas
tocam o ar e o som não ouvido retine
distâncias).

Sei da equivalência
entre quilômetros e milímetros. Espero
a carruagem domada em espertezas
e cavalos surgem desabalados.

(Princesas em sonhos ilusórios).

Princesa: sei do regresso
e peço ao condutor aumentar
a pressão sobre os cavalos.

(Princesas insones em saudades
da realeza ensolarada na ilusão
da fábula).



11

Notifico o não acontecido: repetir induz
o sono ao sonho. Onírico passatempo.
Despejo a água sobre a aridez e da fervura
retiro o vapor. Condensso minha história
em episódios fantasiosos: o não acontecido
cai sobre a terra em chuvas molhando
árvores, molhando frutos, molhando
meus pés descalços. Calço a porta
e o vento despercebido do estratagema
entre vãos discursa: induz ao sono a verdade.



12

Meus olhos acompanham o ir e vir da bola.
Escuto gritos em destaque.
O silêncio.

A bola reinicia sua jornada
gritos lançam força e velocidade.

(Receio palavras sobre assuntos
e bibliotecas que elevam
ao vento o recomeço).

Na quadra a bola ricocheteia e cai
após o alambrado.

Gritos cessam meus lamentos.
Jogos terminam empatados.



13

A campainha
desperta. Dispenso os pés
sobre a mesa
e recuo os olhos
ao recesso.

Esperto, desconsidero o som
e o transformo em risos.

A porta impede
o ingresso. A campainha
ressoa.

Durmo o sono
injusto do enclausurado.

A campainha cessa o contorno
do som sobre o sonho.



14

A mulher espia através da janela:

recomponho meu pensamento
desviando os olhos: minha
vida busca o movimento
dos carros e a imobilidade
da estátua me condiciona
em medos.

A mulher permanece olhando
o que não participa. Retiro-me
em escuro ser
aborrecido.

Vidas não estilhaçam vidraças.
Olhares recompõem cenas
imaginadas e sonham
vidas desabrigadas.



15

No equilíbrio, vento. No invento traço
o espaço disponível ao passo.
Coloco um pé na frente do outro
e repito. Equilibro as mãos ao longo
do corpo e mantenho ereta a cabeça.

Manequim: rasgo
a roupa despossuída
e me oferto à vitrine.

Falseio o passo. A vida me condiciona
em idas e o fato transparece rugas
de idade. Afianço a verdade
e me desdigo em lágrimas
de equilíbrio.



16

Aludo ao tema. Pedem os deuses
meu calor e a calma
manuseada na palma
da mão.

O tema sinaliza o anasalar
da palavra ao ser lida. O leitor
arrisca termos indissolúveis.

Deuses debruçados sobre minha irrealidade.
A verdade contada em esboços esfrega
seu nariz em lenços. O cheiro do abuso
evoca o paraíso. Autoritário ser
comandado em testes.

Aludo ao tema. Treme o retorno
no espaço antecedente. Estou acordado
e sei sobre o que escrevo.



17

Todas as manhãs
dos dias úteis
sou acordado: está na hora,
dizem.

O banho
o uniforme
os livros e os cadernos

café com leite
o pão dormido
a manteiga.

Porta a fora, o caminho
recolhe colegas.

A sineta e a fila.
O silêncio.



18

Exposto em minha fragilidade
escamo a pele e me digo caça.

Fujo do arauto
e me misturo
aos cães.

Farejo o perigo
na transposição
da sina. O soldado
guarda o escasso
território.

Faço contas devendo a permanência.
Outra hora me é ofertada no fortalecer
da idéia. A pele escassa duplica
o corpo. Sou caçador desembestado.



19

Retrabalho
símbolos
signos
sinais: ofereço ao anoitecido
o arcabouço cursivo da história.

Sou ponto e vírgula
a acentuação átona
e a pontuação gráfica.

A sinalização incontestada das estradas
me trazem encruzilhadas e portas.

Sou travessia
e retorno.
O ponto, afinal.



20

Sigo a seta
sigo a seta
sigo a seta

sou seta cravada
na beira da estrada: indico
o lado oposto
na proibição
na necessidade
na obrigatoriedade.

Sigo a seta e me transformo
no ar penetrado: alvo sobrevivente
ao destaque.

Sigo a seta
sou na seta o momento
do arremesso.



BREVE ANOTAÇÃO
SOBRE A (MINHA) SANIDADE

21

Nas religiões encontro santas pessoas
e sobre elas me debruço em busca
da sanidade. Preciso a companhia
esotérica da publicidade dos atos
atemporais: o milagre. Insana história
em atos destrambelhados.
Nomino dias desencontrados
no desespero dos relatos.

Enfatizo a espera
e no fundo do corpo
exalo santidades.

Purificado, viro o rosto ao relento
e a água coagulada da serpente
me envolve em náuseas.



22

Minha resposta ofende o questionamento
(desligo a máquina e aprofundo o silêncio)

– sou cores realizadas em tintas
e represento vontades: claras
escuras amarelas e vermelhas.
Pranteio o antecedente espaço
e me aprofundo em brancos.

Questiono virem assistir o féretro
e abro o acompanhamento no lúgubre
cinza do tormento: mentalizo a púrpura
onde me instalo em orações erráticas.

– sou cores fixadas sobre a pedra
e me digo consentâneo em respostas.



23

A pureza da água
retirada ao poço: o balde
entornado
sobre a terra
permite florescer
o arremate.

Depuro da água a significância
da procura.

O balde retorna em cantigas
anteriores e a corda esgarçada
cede ao peso.



24

Erro pensar
a antecedência
do relicário.

Do presente ao futuro
esposo ideias libertárias.

(Cessa a música em cuja letra
reconheço a história).

Liberado dos ocidentes
volto o rosto: orientação
elastecida
em rigores.

(Cesso a música e descanso
em silenciosos andares. Altares
oferecidos aos sacrifícios).



25

Minha mãe pergunta
sobre o sorriso. Digo-lhe
dos esgares que me afligem
o rosto. Sinais de amizades
esperam o restante da noite
pela ultrapassagem. O som
minha senhora; o dom de estar
acordado enquanto dormem
suas vidas. Minha mãe quer saber
do riso. O riso é meu segredo.



26

Retenho o braço
ao arremessar a palavra
ao surdo. Ameaço ao cego
a minha escuridão. Ao medroso
grito palavras de autoajuda.

Judas, li no texto, foi instrumento
de amor e dor.

Retomo a leitura:
grito inverdades
e sorrio minha insanidade.



27

Vou ao fundo do poço
gélida água
parada
sob minha cabeça.

Sacio minha sede
em livros e plantas.

Retorno em roldanas.
Cabisbaixo, respondo
à pergunta. O poço
fundo em si mesmo.



28

A orquestra suspende o maestro em rompantes metálicos. Da platéia entendo o desgosto no rufar das palavras. Subversiva, a soprano assoma na boca do lobo: refluem cordas em unísono e êxtase.

O maestro contrai stacattos e rememora adágios. O arco do violino o atinge ao contrário. Escalo o palco e sentencio o surdo à desnecessidade. O contrarregra atomiza a verdade. Luzes acesas.

Bato a batuta três vezes
sobre a minha mística. O silêncio
escorrega.



29

Peço o prato do dia
em tantas gramas
quantas forem as travessias:
a massa refluí ao pacote
o animal imortalizado
na fuga recompõe as partes.

Como alimentar meu corpo
se o esforço de empunhar o garfo
me desfalece?

Sonho alguém colocando
porções na minha boca:
engasgo.

Minha vida otimiza respostas
escatológicas: final reprisado
ao avesso. Sou a caça.



30

Reafirmo em dobraduras
o espírito existente.

Gosto do papel dobrado
no extremo do reconhecimento.

Disfarce de animais
e planetas: o barco soçobrado
o avião sobre o piso.

Espaço a folha
e risco a primeira dobra: o papel
repele minha mão. Retorna.

Rasgo o interesse
e o transformo no imediatismo
dos resultados: milhares
de anos me sucedem.



BREVE APONTAMENTO
SOBRE O (MEU) EQUILÍBRIO

31

Trabalho como alpinista. Desdobro
penhascos e me faço tempestade
e neve. Complico escaladas
e despenco abismos. Sou república
e reinado: rei e vassalo. Plebeu
ensinado nos riscos da planície.

Escuto o instante abordável
das vozes ecoando pedras.



32

Feito borracha elastecida
sou bola ultimando forças
e o abafado aro penetrado.

Equilíbrio cores profetizadas.

A previsão se faz futura imagem
e no descolar do olho a contribuição
empobrece o óbice: desequilibrado
no esquecimento
onde me valem
horas de palavras.



33

Olhos tensos

atentam

sobre mim: o exército desvinculado
de provações constitucionais
entra na batalha. Corto

a formação

acusada

na admissão

de quase nada.

Olhos eternos

tensos

povoam a liderança

e o oficial em uniforme

se vê compelido ao convite.

Estou certo do que vejo

exceto pelo garoto que mantenho

ainda em mim.



34

Atrás da porta
escuto barulhos
vizinhos. Espio o corredor
escuro.

Dentro de mim mora
o pensamento isento.

A vizinhança desequilibra
em raivas meus sofrimentos.

Escritos parcos e a mão se contrai
contra a maçaneta:

a chave gira na morte.

A porta se abre
na luz. Adormeço.



35

Corrompido em águas paradas
assumo o costume de transformar
em verbos roubos consequentes:
não retorno ao jardim em inços
e formigas. Minha corrupção assume
o passivo ouvir das cigarras.

Minha força
desprovida
envelhece na escolha
do próximo
alvo.



36

Digo
sobre o aprendizado: a luz estelar
replica o confronto. Não me identifico
no desequilíbrio onde ostento
o segredo. Desvelo em olhos
a passagem e vejo o inimigo
recuar: na arena

animais
domesticados
oferecem seus pescoços
ao cutelo.

Sou da submissão o desenlace
das estrelas em novas armas.



37

Não me encontro anjo.
Estou constante nas fotografias
e bebo o desgosto da descoberta:

o céu aberto
não me traz
a dádiva
de me fazer
ciente
da divindade.



38

Tomo o remédio prescrito
e me faço ao largo da cama: remo
correntes
e diferente do que é dito
embalo
sonos: o desequilíbrio combatido
em drogas me faz
estável em desatinos.

Prescrevo ações de coragem
e quedo ao olvido: escuto
gritos
desconsiderados.

Ingiro o comprimido
e me faço forte: o totem
desaba cabeças
sobre a minha pena.



39

O homem amarrado
ao pé da mesa: escravo da luxúria
obtém no rés do chão
a confirmação da loucura.

Chego perto o suficiente
para ver o louco
amarrado
no pouco que lhe resta.

entendo sobre equilíbrios
e na metamorfose
noto a perda dos sentidos:

necessidades como bicho
na ilógica razão da condição sincera
com que se entrega às amarras.



40

Às vezes me equilibram
os desencontros: ambientado
na morte, empresto
o corpo ao inocente.

Reajo em provocações
no estado de espírito
da criatura: homem e fera
espero no cantar da ave
a exposição do coração
em transe. Às vezes
fecho os olhos e percebo o tremor
das mãos. A face em resposta.



41

Pássaros alçados
na condição etérea
flutuam: vazios de esperas
repletos de homenagens.

Meu desespero
escuta o grito da saliência
e tropeça: o conteúdo escorre
sobre a terra úmida.

O contrato reza cláusulas indivisíveis
no regulamento e o ódio desproporcional
ao dano. O dono ordena a recuperação
dos juros.



42

Se ao labirinto é ofertado
o monstro circulante, rompo
paredes e entre tijolos
instalo a nave: bifurco
o tempo e revejo
o pai retirado à água
e a mãe reconduzida à terra.

Não creio na admissão dos pecados
e na aplicabilidade dos sortilégios:

sou expert em me mostrar
alheio aos acontecimentos
e no gesto demonstro
desprezo.



BREVE RELATO
SOBRE A (MINHA) NATUREZA

43

Conhecida na origem
a preocupação se mantém
no estilo
de vida: naturalmente
compelido ao trabalho
salto o adestramento.

Venho como elemento ativo no processo.
Sou ponto e vírgula e descaminhos
tramados na linguagem: significado.



44

Venho ao mundo
(em generalidades)
disposto a alterar o contexto:

do útero ao berço
à cama
ao relento.

Desperdiço a chama em cigarros
e me faço otário (ou visionário)
em larga escala: tenho a companhia
dos barcos naufragados
e me faço ave de rapina.

Reposto ao início choro mágoas
acumuladas. A natureza esteriliza
meus sonhos: paisagem emoldurada.



45

Choro o desapontamento
do futuro (adverso): a água
esquenta meu corpo
e no frio da história
vejo renascer (em mim)
a descrença: acredito
na felicidade acumulada.

O desconhecimento em portas entreabertas
se alimenta da dúvida.

Incrédulo, afasto o coto do umbigo
e me prendo no entreato:
a cena incompleta da criação
e o choro vela o corpo interrompido.



46

Grossos volumes onde procuro
em êxtase a palavra: nulo conteúdo
imposto entre capas. Dura verdade
na inexistência. Esqueço a promessa
e vendo livros em bancas entrevistas.

Revisto ao acontecimento
sigo minha trilha
em busca do renascimento:

renasço na oportuna
dimensão sucessiva
dos esquecimentos.



47

Sofro por incomodar
a intenção singela
da resposta: anseio a verdade
na puberdade: minto
o velho em mim instalado
sobre a permanência.

Adulto ser receio o acontecimento.
Em ares me reservo: o direito
à felicidade efêmera
da tradição usurpada.



48

Meu primeiro banho
em águas gélidas
esfregado em dissabores.

Salgo a terra
em primeiro passo.

Esvazio a paisagem
no passeio inicial.

Sou apaixonado
esquentando o sangue
em companhia: calço
no sapato a franqueza
do caminho
e da paisagem retiro
a vista: sou poente
anoitecido em dias.



49

Penso ser aço
sou ferro
oxidado no rompimento
da limalha
deixada sobre o solo.

Plástico, resisto ao tempo
da degradação e me faço
carcaça: casa e elemento.

Vidro: refuljo luzes
acobertado em muros
de impedidos saltos.

Sonho ser do universo a carne
e me desfaço em fibras: o coração
é máquina em minhas mãos
na busca inexata do castigo.



50

No primeiro sinal obedeço a ordens.
Cego em entrelinhas, súbito em aventuras.
O medo administrado no limite da consequência.
O preço pago ao destino, repleto de águas vivas.

Por natureza elétrico
desdouro águas singradas
em menores barcos.

Sinais me confundem e na extensão do vácuo
me afortunado: retrato exato
da falésia
e do lobo-marinho.



51

Meu nome deve ser outro. O engano
inicia minha vida. Não me faço vitorioso
pela alcunha. Rocha esboroadada
sigo caminhos incontornáveis. Tenho
o nome de todos os dias. Percorrido
veios graníticos. Condensados anos
de sobrevivência: relatório aditado
em naturezas indivisas
diversas
divertidas (de certa forma).

A questão absurda se renova. No exemplo
a marca erra o corpo e me apresento
ser regulado em horas de regressos.



52

Partido no esquentar do tempo
o bloco de gelo navega à deriva.

O frio acompanha o núcleo
e o calor pelas bordas
destrói o conteúdo.

Penso chegar ao âmago em vida
e me demonstrar águas escorridas
aos mares. Timorato, me faço
acompanhar do solo indistinto
das terras baixas: férteis
por natureza.



BREVE ILUSTRAÇÃO
SOBRE O (MEU) SENTIMENTO

53

Fazemos sexo durante o tanto
em que estamos juntos. Olhos nos olhos
nos penetramos. Nossas mãos
seguram a cama.

Somos um e únicos.

Tenho você comigo
na imagem indelével
do passado. Estou
permanentemente em você:
esboço e traço sob a pele.



54

Desligo a máquina e fico no escuro
obstruído no silêncio que me assola:
em peças contíguas de vidas mesmerizadas.

Escuto sons e dizem palavras
sobre o que não entendo e participo.

Religo a máquina e me consumo no espaçar
da roldana girando motores: não escuto
os sons da outra sala.



55

(Digo sobre minhas condições pessoais. O remorso carregado entre a desconfiança e a indiferença. Do sentimento quando abro os olhos ao desastre).

Sou olhos rasos despejados sobre o corpo hirto – espero o signo romper a tela – do inimigo. Rasgo verbos e tolho a mão na agressão.

O sentimento do planeta reacende a chama da matéria: não me vejo perdido em derrotas enviesadas.

(Ressignifico o texto decorado ao profeta).



56

A casa recomposta aos que ficam:
o espaço vago
o espaço ocupado.

Volto no final de semana e me apresento
na ausência intermediária. Encostado
na vidraça olho o passado.

Sinto o tremer das mãos
ainda colocadas nos bolsos.

Amacio a carne a ser consumida
e a casa torna a ser esvaziada.



57

Na troca de acusações sofro a aspereza
das palavras malditas. Não sou o bandido
anunciado no noticiário e meu crime
– não tipificado – é saudade jogada
em gavetas não abertas. Acusado
e prisioneiro, no espaço do corpo
restam indiferenças.



58

Retiro da carteira notas suficientes
à quitação da dívida: solvente
me dirijo à porta. Saio.

Do alto sou avistado e me deixo
passar sossegado. Não ouço
do pássaro o grito e o cão
dorme aos meus pés.

Jogo fora o aparelho
e me torno indisponível.

O cansaço me habita: no vão
do universo, durmo. O descanso
me leva ao centro da inação.



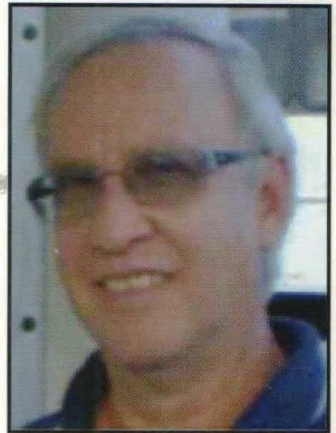
CATÁLOGO DE OBRAS DO PROJETO PASSO FUNDO
www.projtopassofundo.com.br

Livros em E-book			Livros em suporte PAPEL		
Nº	TÍTULO	AUTOR	Nº	TÍTULO	AUTOR
1	<u>A Cuidadora</u>	Both,A	1	<u>Meninos do CRACK</u>	Nonnenmacher,A
2	<u>A Noite</u>	Both,A	2	<u>Conversa entre educadoras</u>	Bodah,E
3	<u>Cânticos do amor à vida</u>	Zauza,G	3	<u>Música e Educação</u>	Carraro,G
4	<u>Divã Lágrimas e Libertação</u>	Zauza,G	4	<u>Micos & Microfones</u>	Fernandes,H
5	<u>Energia Psíquica...</u>	Zauza,G	5	<u>Picanhas</u>	Araldi,H
6	<u>Solidão e Dor</u>	Zauza,G	6	<u>Passo Fundo: crônica sobre uma querência</u>	Tasca,I
7	<u>Micos & Microfones</u>	Fernandes,H	7	<u>15 dias que abalaram Passo Fundo</u>	Tasca,I
8	<u>15dias que abalaram Passo Fundo</u>	Tasca,I	8	<u>Fugaz Idade</u>	Perez,J
9	<u>Canção da Liberdade</u>	Valle,J	9	<u>Enciclopédia do Futebol Gaúcho</u>	Damian,M
10	<u>Fúnebre Cortejo</u>	Nunes,L	10	<u>História das Eleições em Passo Fundo</u>	Damian,M
11	<u>À Esquerda</u>	Noal,M	11	<u>O Massacre de Porongos...</u>	Monteiro,P
12	<u>Futebol de P Fundo</u>	Damian,M	12	<u>Genius - Origens</u>	Scofield,V
13	<u>O mais querido da cidade</u>	Damian,M	13	<u>Construindo P Fundo 1857-2007</u>	Nascimento,W
14	<u>Cerrito do Ouro à Coxilha</u>	Ayres,O	14	<u>Vultos da História de Passo Fundo</u>	Nascimento e Dal Paz,S
15	<u>A Campanha da Legalidade em P F</u>	Monteiro,P			
16	<u>A Trova no Espírito Santo</u>	Monteiro,P			
17	<u>Eu resisti também cantando</u>	Monteiro,P			
18	<u>O Massacre de Porongos...</u>	Monteiro,P			
19	<u>Combates da Revolução Federalista em P F</u>	Monteiro,P			
20	<u>Brevidades</u>	Du Bois,P			
21	<u>Genius: origem</u>	Scofield,V			



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

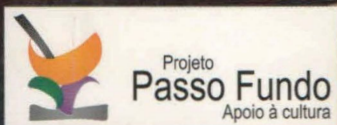
www.projetopassofundo.com.br



Pedro Du Bois, poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, Poesia, com o livro *Os Objetos e as Coisas*, editado pela Scortecci Editora, SP. Tem publicado pela Corpus Editora, Portugal, *A Criação Estética* e, pela Sarau de Letras, Mossoró, RN, o livro *Seres*. Blog: <http://pedrodubois.blogspot.com>

O livro nos apresenta um Pedro Du Bois até então desconhecido, exposto em (suas) brevidades, apresentando tipos obsessivos fruto de sua observação sobre a lucidez, o equilíbrio, a natureza e o sentimento.

Nos poemas de Brevidades o autor diz da brevidade do pensamento e dos atos criando imagens metafóricas que celebrizam fragmentos da vida na descrição de quadros complexos, onde se defronta com a (sua) sanidade e natureza; penetra na película do (seu) comportamento ao demonstrar a (sua) aparência no universo de (des)equilíbrio: o seu sentimento que o libera da necessidade limitadora de se submeter ao cotidiano e pela maneira com que se envolve a imaginação ao se descobrir em brevidades.



Portar
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



ISBN 978-856499720-2



9 788564 997202